

SÃO PETESBURGO, SEUS ARREDORES E SUAS PONTES

Quando começo a escrever este último capítulo da viagem à Rússia, já estou em Viena. Vendo a suntuosidade das edificações do Império Austro-Húngaro, as lembranças de São Petesburgo voltam. Como deixar de concluir que os impérios foram maravilhosos, do ponto de vista do que erigiram? Tudo bem, eu sei que construir esses monumentos – palácios, templos, mausoléus – eram formas de reafirmar seus poderes e de dar visibilidade a eles; mas isso não diminui em nada a maravilha que fizeram.

Além de ser uma linda cidade, São Petesburgo tem, em seus arredores, lindos palácios. Saindo do centro da cidade, bastam 30 minutos de carro, se o trânsito não estiver difícil, para se chegar aos bosques e prados que conformam os núcleos suburbanos onde se encontram as grandes e luxuosas edificações, que foram residências de verão e, muitas vezes, palácios principais de imperadores, imperatrizes e outros membros da nobreza russa.

A mais impressionante é Tsársdoie Sieló, que significa Aldeia Real. As terras onde está a maravilhosa construção foram doadas por Pedro I, o fundador de São Petesburgo, a sua mulher Catarina I, mas o palácio está associado a outras duas imperatrizes que a sucederam: Isabel Petrovna que, de fato, remodelou toda a construção original, na segunda metade do século XVIII e Catarina II, mais conhecida como Catarina, a Grande, que passou muito tempo neste palácio. Pela sua preferência por ele e pelo poder que teve, edificação ficou conhecida como o Palácio de Catarina.

Durante a 2ª. Guerra Mundial, os nazistas colocaram fogo na grande edificação, espoliando, antes disso, uma parte das obras de arte que ali estavam. No entanto, uma parcela do patrimônio artístico que pertencia ao palácio foi preservada pelos empregados estatais que ali trabalhavam, no período soviético, pois Stalin, quando

percebeu o iminente avanço das forças alemãs que culminariam com a ocupação de São Petersburgo, ordenou a retirada de tudo que fosse possível e valioso. Parte foi enterrada nos bosques que rodeavam o palácio, parte foi levada com os funcionários mais graduados, que esconderam as relíquias no subsolo de igrejas da cidade.

Ao final da guerra, teve início a reconstrução do palácio que voltou a abrigar todas as relíquias que haviam sido escondidas. Primeiramente, a fachada foi toda recomposta e, segundo Alexandra, foram gastos 100 kg de ouro que foi extraído na Sibéria para esta recuperação. Aos poucos, as salas internas vão sendo refeitas, tal e qual as fotos em que há o registro dos originais. Ainda, hoje, o palácio não está totalmente revitalizado, mas as salas que se pode visitar são mais que suficientes para aquilatar a sua suntuosidade.

Versalhes, que sempre achei linda, é menos monumental que Tsárskoie Sieló. A fachada azul e branca deste palácio, ornada com sobre relevos em ouro, é deslumbrante. A visão torna-se ainda mais rica, ao se observar as torres da igreja anexa, também folheadas em ouro, sobressaindo à direita na extensa fachada frontal, que tem extensão de 300 metros.

As filas para entrar são enormes e Alexandra vai furando o “cerco” e disciplinando o grupo. Márcio que gosta de parar para fotos, fica sem opção de se demorar um pouco mais para pegar um bom ângulo. Leny e eu procuramos acompanhar a guia para aplacar um pouco a sua ansiedade de nos ver reunidos. Ela olha para o grupo de turistas que nos antecede, umas 30 pessoas acompanhadas por uma guia que fala em inglês, troca umas palavras rudemente com esta moça, dando a idéia de que deveríamos passar na frente porque somos quatro, a outra não acede e, mesmo assim, Alexandra vai entrando e, andando de costas, sempre junto ao grupo anterior, vai nos levando de sala em sala e explicando tudo de lindo que vemos. Ela demonstra uma boa cultura geral, do ponto de vista histórico e artístico, sobre o período imperial russo, pois explica com desenvoltura e segurança e também nisso é completamente diferente de Irina.

O saguão de entrada dá acesso à escadaria de mármore branco que leva ao andar principal. Trata-se de um ambiente magnânimo, com seus tapetes e cortinas vermelhas, com quadros maravilhosos (réplicas dos que foram queimados pelos nazistas), que ganham ainda mais destaque com a predominância do branco no piso e nas paredes, adornadas com altos relevos também alvos.

Entre todos os lindos salões que compõem as áreas de gala do palácio, três são destacados por Alexandra como os mais bonitos: a Sala de Pinturas, a Sala do Trono e a Sala Grande.

No primeiro, como o nome já denota, as paredes estão completamente cobertas por pinturas lindas, uma justaposta à outra. Entre elas, destaca-se o quadro em que se retrata Isabel Petrovna, em 1754, com seu vestido real branco bordado em ouro. O chão da sala é todo em marchetaria, finamente elaborada, formando lindos mosaicos com os desenhos que resultam da combinação de cores de diferentes madeiras. Num dos cantos, uma peça de cerca de 4 metros de altura, toda em louça branca e azul, que garantia o aquecimento do ambiente, alimentado com lenha em sala anexa.

A Sala do Trono tem mais de 800 metros quadrados e Alexandra vai desfilando informações, enquanto continua, educada, mas firmemente, a abrir espaços entre os grupos de turistas. O ambiente todo forrado de espelhos causa mais impressão que a Galeria dos Espelhos de Versalhes me provocou na primeira vez que a visitei no final de 1994. Agora consulto a Wikipédia e vejo que a maravilhosa sala galeria de Versalhes foi da segunda metade do século XVII, quase 100 anos antes da linda sala russa. É um pouco menor, porque mede cerca de 700 metros quadrados. Pensando bem, gosto mais da Sala do Trono do palácio russo, porque entra mais luz pelas janelas, o que potencializa o efeito dos espelhos, que cobrem a parede principal. Em Versalhes, o excesso de dourado, entristece um pouco o ambiente e não gera essa sensação de brilho e amplitude que a luz natural propicia aqui.

A Sala Grande é a principal do Palácio Tsárskoie Sieló, onde os visitantes importantes eram recebidos e se realizavam os grandes bailes imperiais. Ela está

no centro do primeiro piso, e ocupa toda largura do prédio, o que significa que de suas janelas frontais, vê-se os portões e jardins da entrada e, das que estão do outro lado, vislumbra-se os jardins principais, que estão atrás do palácio, rodeados de bosques.

A beleza desta sala decorre de ser ela toda adornada com pedras âmbar de diferentes tons, desde os caramelos, mais comuns, passando pelos marrons e vermelhos, sendo estes os mais raros e, por isso, mais valorizados. Os originais foram levados pelos alemães para Königsberg e, ao final da guerra, desapareceram, provavelmente apropriados por figuras importantes (ou nem tanto) dos altos escalões nazistas. Para refazer a sala, conforme as fotos disponíveis, foram preparadas equipes especiais em uma escola de artes de São Petersburgo, o que teve início ainda no período stalinista, explica Alessandra, mas a reinauguração do ambiente só ocorreu em 2003, quando a cidade completou 300 anos de fundação.

Na lateral do grande jardim, que tem 100 hectares, Catarina, A Grande, mandou erguer a Galeria de Cameron, que foi construída entre 1784 e 1787, com elementos da arquitetura grega e da romana, muito em moda na segunda metade do século XVIII. Trata-se de uma edificação em que, nos pisos inferiores, estão salas de banho e descanso e, no terceiro, um grande salão envidraçado de onde Catarina gostava de apreciar todo o jardim. Ao final do prado, outra edificação se destaca – o Pavilhão Hermitage de Catarina – onde a imperatriz se refugiava quando não queria estar com ninguém.

No primeiro piso do palácio principal, onde estão acomodadas desde o período imperial, as atividades que davam apoio antes à gala imperial e, agora, dão à museologia, há uma galeria em homenagem ao diretor que coordenou, desde o pós-guerra até os anos de 1990, quando faleceu, a recuperação do palácio incendiado pelos nazistas. Há fotos de cada ambiente e da fachada após este trágico acontecimento e as fotos atuais mostrando como estão atualmente. Há,

também, registros dele com presidentes, chefes de estados, reis e imperadores que visitaram o palácio nas últimas décadas.

Olhando todas essas belezas, só se pode ficar contente de este patrimônio ter sido recuperado pelos soviéticos e estar acessível a todo mundo, que vem até aqui. Para apagar a suntuosidade do período imperial, os socialistas poderiam ter cometido o erro de não reconstruir este palácio e outros monumentos, mas ainda bem, não o fizeram. Pode ser que eles tivessem, com iniciativas de recuperação e preservação do patrimônio, todo interesse em reavivar o espírito nacionalista e pelas falas de Alexandra e das outras guias que conhecemos, podemos ver que os russos são muito russos, ou seja, são cheios de si.

Há hordas de turistas, o que surpreende, porque imaginava que a Rússia ainda sofria conseqüências do isolamento, a que o país esteve submetido, no período soviético. *En passant*, Alessandra informa que estamos com sorte, porque hoje não há muita gente visitando o palácio. Ficamos surpreendidos. Pergunto a ela quais são os países de onde mais vêm turistas para São Petesburgo. Há cinco anos atrás, diz ela, eram os americanos, cujo fluxo diminuiu muito recentemente. Entre os europeus, destacam-se os franceses, italianos e espanhóis. Nos últimos anos, os chineses têm ganhado destaque, em termos de número de visitantes. Depois, Alessandra olha para nós e completa: “Bem, as coisas devem estar se passando otimamente no país de vocês, porque a cada ano aumenta o número de brasileiros, tanto assim que, como guia fluente em espanhol, cada vez tenho atendido mais os de língua portuguesa, como vocês.”

Não muito longe do primeiro palácio de verão visitado, também nos arredores sul de São Petersburgo está o de Pávlovsk. Catarina, a Grande, não se dava bem com seu filho, vai nos explicando Alexandra, depois de desfilar um rosário de imperadores e imperatrizes que reinaram no auge do Império Russo, de falar de todos os complôs que houveram para matar irmãos ou pais, de remarcar todas as tragédias que levaram a mortes de futuros imperadores e das dificuldades de concepção que aqui e ali impediram o nascimento de herdeiros para o trono

imperial. Voltando à Catarina e suas más relações com o filho, aí está a razão pela qual ela doou, em 1770, uma grande extensão de terras a ele, que se chamava Pablo. Seu interesse era não tê-lo por perto dela e, assim, diminuir os conflitos que sempre ocorriam.

Pablo, casado com Maria Fiódorovna, formaram um casal notabilizado pelo amor que os unia, pela bondade de suas ações com os súditos, pelo apreço a *hobbies* que ambos cultivavam e pelo bom gosto artístico.

Com base em projeto de Charles Cameron, o mesmo que desenhou a galeria externa do palácio de sua mãe, Pablo mandou erguer o Palácio Pávlovsk. O casal viajava muito pela Europa e norte da África, razão pela qual a construção é adornada com esculturas em mármore e bronze que vieram de outros países, louças e cristais dos mais refinados, e pinturas de grandes artistas estrangeiros. Assim, há a Sala Italiana, a Sala Egípcia, a de Gobelins franceses etc.

Retornamos exaustos ao hotel, porque o sol e o dia longo são cansativos. Bem mais tarde, saímos para andar pela cidade. Um destaque é a Avenida Nevski, principal via de São Petesburgo, desde o século XVIII. Ela é cortada por vários canais, o que torna seu traçado reto pouco monótono e muito elegante por causa das pontes e da água que corre sob elas. A maior parte de seus prédios tem entre três e quatro andares, o que garante certa homogeneidade ao conjunto arquitetônico que compõe essa via. Destacam-se as fachadas bem trabalhadas e, sobretudo, a edificação antes ocupada pela Companhia Singer e onde, hoje, funciona a livraria chamada Casa Del Libro.

O dia seguinte, nosso terceiro em São Petersburgo, é de chuva. Mesmo assim, pegamos um barco de turismo, sem a Alessandra, e vamos por um dos canais do Rio Neva ao Palácio de Peterhof, residência preferida de Pedro I, que se constitui num complexo de construções erguidas nos séculos XVIII e XIX numa área superior a mil hectares, em frente ao Golfo da Finlândia. O destaque está nas esculturas folheadas em ouro e nas fontes que adornam o imenso jardim. A chuva cai fina, mas contínua. Fazemos de conta que não é nada, puxo o capuz da parka,

Eliseu veste o boné. Abrimos os guarda chovas e os dois casais, nós mais Marcio e Leny andamos, afundando os pés na água que se acumula, fazendo fotos aqui e ali. Em dez minutos estamos bem molhados...

O palácio está de frente para o Golfo da Finlândia, o que possibilita valorizar o grande jardim frontal, que se começa a vislumbrar desde a água, quando a embarcação atraca no pequeno porto. Pedro I e Catarina I também aqui chegavam de barco. A informação é de que há mais de 300 fontes e somente a principal – a Cascata Grande – que está em frente ao palácio tem 38 estátuas douradas.

Voltamos encharcados para o hotel e, mais tarde, fomos presenteados com um sol que se abriu no final do dia. Bem, pensando melhor, não dá para usar esta expressão, porque em São Petersburgo, entre maio e agosto, não há bem o final do dia. Estes meses compõem o período que eles denominam “As noites brancas”. O sol tem desaparecido depois da meia noite e voltado a aparecer antes das 3 horas, durante nossa estada. Neste interregno pequeno em que não se vê o sol, não chega a ficar totalmente escuro, porque, no horizonte, vislumbramos a luz de seus raios e o céu nunca chega a ficar negro, prevalecendo certo lusco fusco que experimentamos em entardeceres longos.

As pontes são um elemento importante na composição da paisagem urbana desta cidade, por vários motivos: são muitas, algumas são projetos arquitetônicos ousados, muitas são enfeitadas com esculturas ou gradis adornados e as que estão no Rio Neva abrem-se à noite para dar passagem às embarcações de maior porte.

Consultando um livreto que compramos, vejo que uma das mais antigas é a Ponte do Banco, de 1825, construída somente para pedestres. Do mesmo ano, a mais famosa entre as antigas é a Ponte dos Leões, que tem esse nome por ser adornada por quatro esculturas desse animal.

Entre as pontes que se elevam para a passagem dos navios estão a Trindade, a do Palácio (próxima ao Hermitage) e a do Tenente Schimidt. Justamente, esta é a primeira a se abrir, à 1h10 da madrugada, em duas partes que se elevam, em seu

arco central. Em seguida, as grandes embarcações passam e começam a subir o rio, enquanto as pontes seguintes começam a abrir. Às cinco horas da manhã, todas as pontes descem, cessa a circulação de navios de grande porte, permanecendo os médios e pequenos, e recomeça a dos carros que circulam entre as ilhas e entre elas e o continente.

Ficamos para assistir o espetáculo e chamou atenção o número de barcos, pequenos e um pouco maiores, que ficam cheios de gente para ver, a partir do rio, o espetáculo das pontes se abrindo. Assim que elas começam a se erguer, os flashes pipocam em profusão, enchendo o rio de pontinhos de luz que brilham por segundos. Em pouco tempo, todos os barcos pequenos começam a navegar pelos arcos laterais das pontes (os que não se erguem), deixando os centrais para as grandes embarcações. Assim, vão os turistas em direção à ponte que vai se abrir, em seguida. O espetáculo se repete. Nós quatro, parados no *malecón*, apreciamos demais esta parte da cena, surpreendente porque não era esperada.

O que impressiona muito é saber que este sistema de abrir e fechar funciona, em algumas pontes, há mais de 100 anos, sem jamais ter falhado.

No dia anterior, Alexandra havia nos contado que, muitas vezes, os moradores da cidade perdem a hora e ficam presos de um lado da ponte, sem poder passar ao outro. Corre sempre a brincadeira de que homens casados que não chegam em casa para dormir, colocam a culpa no fato de terem perdido o horário da ponte...

Julho de 2012

Carminha Beltrão